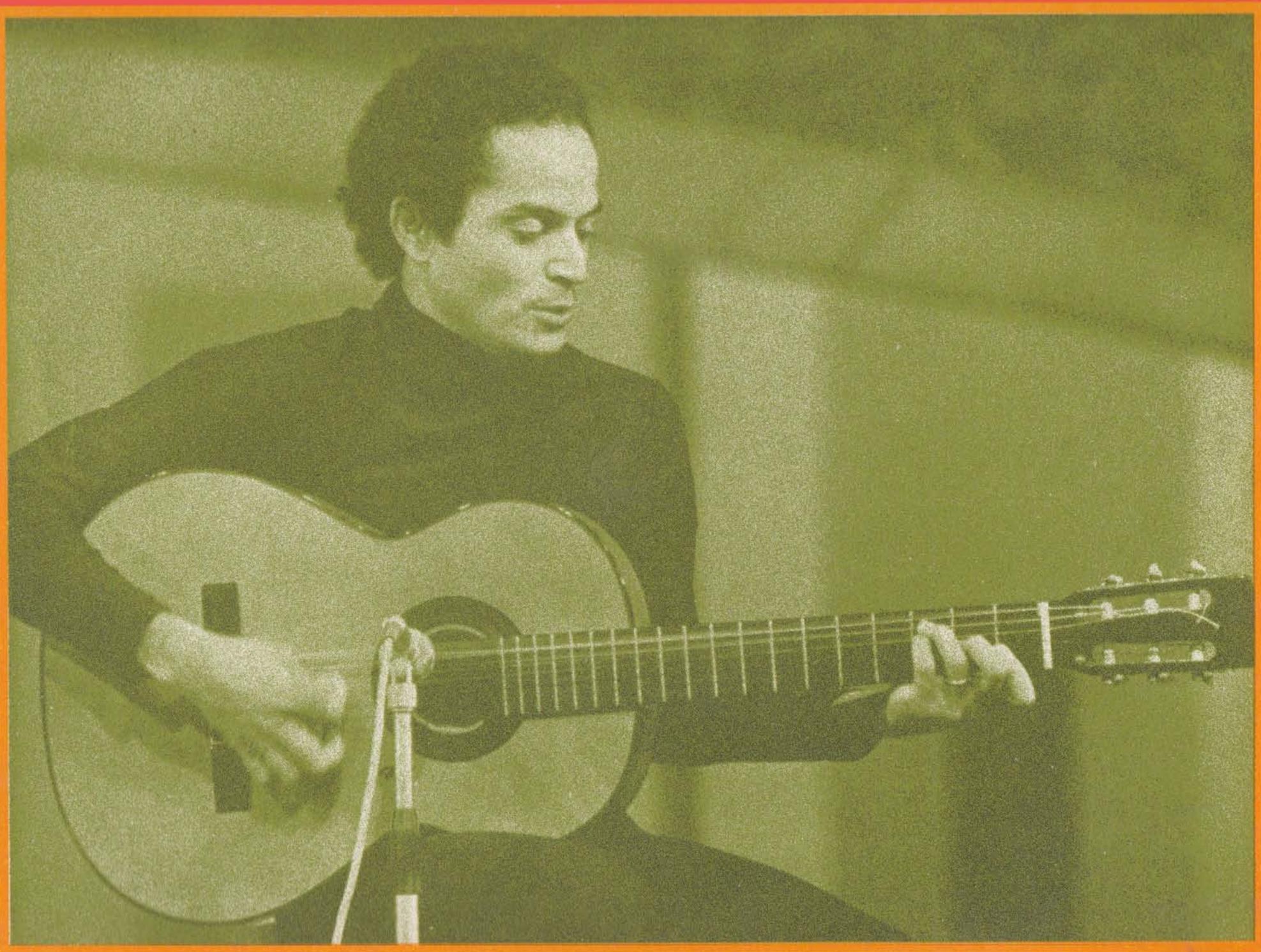


NOVA HISTÓRIA DA

MÚSICA
POPULAR
BRASILEIRA



BADEN POWELL E A BOSSA NOVA



BATIDA DIFERENTE (Tamba Trio) BERIMBAU (Baden Powell) SAMBA EM PRELÚDIO (Geraldo Vandré e Ana Lúcia)
RAZÃO DE VIVER (Nana Caymmi) POR UM AMOR MAIOR (Elis Regina)
CANTO DE OSSANHA (Elis Regina) SÁ MARINA (Wilson Simonal) VIOLÃO VADIO (Baden Powell)



Abril Cultural

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretores: Edgard de Sílvia Faria, Richard Civita,
Roberto Civita, Rubens Vaz da Costa

DIVISÃO DE FASCÍCULOS E LIVROS
Diretor-Gerente: Roger Karman
Diretora Editorial: Elizabeth de Cropani
Diretor de Marketing: Écio Capalbo

Diretor do Grupo de Publicações: Roberto Martins Silveira

NOVA HISTÓRIA DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

CONSELHO EDITORIAL

Diretor: José Américo Motta Pessanha
Editor-Chefe: Jesse Navarro Jr.
Secretária Editorial: Beatriz Hagstrom
Pesquisadores-Redatores: Maria Isabel Raposo,
Natale Vieira Danelli
Assistente de Arte: Marcia Helena Ribeiro

COLABORADORES

J. L. Ferrite (fichas técnicas das gravações),
José Ramos Nêto (diagramação),
Tárik de Souza (consultoria de texto)

DEPARTAMENTO COMERCIAL

Gerente de Produto: Flávio Maculan
Operações: Nelson Murauskas
Promoções: José Carlos Mádo
Serviço de Atendimento aos Leitores:
Maria Eleonora Rocha

© Copyright mundial, Abril S.A. Cultural e Industrial
Caixa postal 2372 - São Paulo
1.ª edição da coleção: 1970
2.ª edição (revista e ampliada): 1978
Obra organizada por Abril S.A. Cultural e Industrial
(Art. 15 da Lei 5988 de 14/12/73)
Esta obra foi integralmente composta e impressa
em oficinas próprias

Integra este fascículo um disco LP estéreo de 10"

A Nova História da Música Popular Brasileira contará, através de edições quinzenais, a evolução dessa importante manifestação de nossa cultura, de seus primórdios até hoje. Acompanhará cada fascículo um disco de 10 polegadas contendo as principais músicas do compositor ou da corrente abordada, com seus intérpretes mais expressivos. Com exceção das gravações antigas, de valor histórico, todas as demais serão estéreo-fônicas. Capas apropriadas para a guarda da coleção — cada uma com capacidade para quinze fascículos e seus respectivos discos — serão oportunamente colocadas à venda.

Você pode comprar números atrasados desta obra pelo preço do último fascículo em bancas. Peça-os ao seu jornalista ou ao distribuidor Abril de sua cidade. Em São Paulo poderá adquiri-los nos seguintes endereços: r. Humaitá, 565 (Bela Vista); av. Industrial, 117 (A.B.C.); r. Olapoque, 91/99 (Brás); r. Conselheiro Nébias, 662 (Campos Elísios); r. João Pereira, 197 (Lapa); r. Clodomiro Amazonas, 896 (Jardins); r. Antônio de Barros, 841 (Penha); r. Domingos de Moraes, 1851 (Vila Mariana); av. Tiradentes, 1391 (Ponte Pequena). No Rio de Janeiro podem ser comprados na r. Sacadura Cabral, 141. Números atrasados podem também ser encomendados por carta diretamente à:

Abril S/A Cultural e Industrial
A/C Números Atrasados — Distribuidora
Caixa postal 945
CEP 01000 — São Paulo

O atendimento será feito através de reembolso postal, sendo o pagamento efetuado ao se retirar a encomenda da agência do correio. Atenção: terminada a publicação desta obra, ainda por 6 meses você poderá encomendar fascículos atrasados nos jornaleiros ou nos endereços indicados. Findo esse prazo, apenas a distribuidora Abril atenderá pedidos e só por outros 6 meses.

1.ª capa: Foto Abril Press

4.ª capa: Foto Abril Press

BATIDA DIFERENTE (Durval Ferreira e Maurício Einhorn), com Tamba Trio (Luís Eça, piano; Bebeto, flauta; e Hércio, bateria). Do LP Philips *Tamba trio*, n.º 632129, lançado em dezembro de 1962. Gravação original de Luiz Henrique e acompanhamento do conjunto Copa-5, no compacto simples Philips n.º 440631, lançado em setembro de 1961.

Direitos autorais de Cembra Ltda. Registro no CNDA (Conselho Nacional de Direitos Autorais) sob n.º 60479388.

Durval Ferreira e Maurício Einhorn formaram uma parceria de citação obrigatória quando se fala em bossa nova. Alguns de seus sucessos, como por exemplo o samba *Batida diferente*, mereceram inúmeras gravações.

Tendo nascido apenas instrumental — Durval é violonista e Maurício toca gaita —, *Batida diferente* recebeu depois versos inspirados da própria dupla de autores. O Tamba Trio fez dessa composição o carro-chefe de seu primeiro LP.

BERIMBAU (Baden Powell e Vinicius de Moraes), com Baden Powell e acompanhamento de João Batista Stockler Pimentel (bateria). Do LP Elenco/Philips *Baden Powell à vontade*, n.º ME 11, lançado em 1963.

Direitos autorais de Baden Powell e de Tonga Editora Musical Ltda.

Registro no CNDA (Conselho Nacional de Direitos Autorais) sob n.º 60458526.

Enriquecida pelas raízes africanas, a música de Baden Powell atravessou a bossa nova com o som inspirado de seu violão.

Em 1962, ao conhecer Vinicius de Moraes, Baden encontrou o poeta certo para dar letra a várias composições suas. *Berimbau*, por exemplo, passou a integrar a série de afro-sambas da dupla.

Calcada na batida e no som do instrumento de capoeira de mesmo nome, essa composição é um dos primeiros sucessos de Baden e Vinicius.

SAMBA EM PRELÚDIO (Baden Powell e Vinicius de Moraes), com Geraldo Vandré e Ana Lúcia acompanhados por Walter Wanderley (piano), Azeitona (contrabaixo), Zinho (bateria) e Papudinho (pistão). Do 78 rpm da Audio Fidelity-RGE Fermata n.º AF 78-091, lançado em fevereiro de 1963.

Direitos autorais de Baden Powell e de Tonga Editora Musical Ltda.

Registro no CNDA (Conselho Nacional de Direitos Autorais) sob n.º 60499370.

Da parceria Baden-Vinicius, responsável por cerca de cinquenta músicas, surgiram algumas das páginas mais inspiradas da bossa nova, como *Samba em prelúdio*. Em 62, cantada por Geraldo Vandré e Claudete Soares — no João Sebastian Bar, em São Paulo —, a composição fazia sucesso, mas permaneceu circunscrita a quatro paredes até fevereiro de 63, quando a Audio Fidelity gravou-a com Geraldo Vandré e Ana Lúcia, em lugar de Claudete Soares. O disco, lançado temerariamente no período pré-carnavalesco — impróprio para músicas românticas —, estourou nas paradas de sucesso.

RAZÃO DE VIVER (Eumir Deodato e Paulo Sérgio Valle), com Nana Caymmi e acompanhamento de orquestra regida por Oscar Castro Neves. Orquestração de Oscar Castro Neves. Do LP Elenco-Philips *Nana*, n.º ME 25, lançado em 1965.

Direitos autorais à disposição dos autores.

Registro no CNDA (Conselho Nacional de Direitos Autorais) sob n.º 60479396.

Considerado um músico de grandes recursos, mas compositor sem sucessos populares, Eumir Deodato voltou-se para fórmulas musicais arrojadas, inspirado, em grande parte, pelo jazz. Sua passagem pela bossa nova ficou registrada por alguns trabalhos de rara beleza, como a canção *Razão de viver*, com versos de Paulo Sérgio Valle.

POR UM AMOR MAIOR (Francis Hime e Ruy Guerra), com Elis Regina e acompanhamento de orquestra regida por Lindolfo Gaya. Orquestração de Lindolfo Gaya. Do LP Philips *Samba, eu canto assim*, n.º P 632742 L, lançado em fevereiro de 1965.

Direitos autorais à disposição dos autores.

Registro no CNDA (Conselho Nacional de Direitos Autorais) sob n.º 60479426.

Músico de formação erudita, em 63 Francis Hime "atreveu-se" na música popular, compondo em parceria com Vinicius de Moraes (*Sem mais adeus, Tereza sabe sambar*).

Dois anos mais tarde, uma melodia de Francis, aliada aos versos inspirados de Ruy Guerra, resultou numa das obras-primas da bossa nova: *Por um amor maior*.

Gravada por Elis Regina, esta composição foi apresentada, ainda em 65, no festival de música popular da TV Excelsior de São Paulo, sempre defendida por Elis.

CANTO DE OSSANHA (Baden Powell e Vinicius de Moraes),

com Elis Regina. Do compacto simples Philips n.º 365137 PB, gravado ao vivo no Teatro Record de São Paulo, em 26 de abril de 1966.

Direitos autorais de Baden Powell e de Tonga Editora Musical Ltda. Registro no CNDA (Conselho Nacional de Direitos Autorais) sob n.º 60370955.

Este afro-samba, inspirado em cerimônias de candomblé a que Baden assistiu na Bahia, foi lançado com grande êxito por Elis Regina no programa *O fino da bossa*, da TV Record de São Paulo.

No registro selecionado, o magnetismo rítmico-melódico da composição é valorizado pela mesma Elis Regina, numa das interpretações mais notáveis de toda a sua carreira.

SÁ MARINA (Antônio Adolfo e Tibério Gaspar), com Wilson Simonal e acompanhamento de orquestra regida por César Camargo Mariano. Orquestração de César Camargo Mariano. Do LP Odeon *Alegria, alegria, Vol. II ou Quem não tem swing morre com a boca cheia de formiga*, n.º MOFB 3547, lançado em agosto de 1968.

Direitos autorais de EBRAU (Editora Brasileira de Autores Unidos Ltda).

Registro no CNDA (Conselho Nacional de Direitos Autorais) sob n.º 60468815.

Compositor, instrumentista e arranjador formado na bossa nova, Antônio Adolfo arriscou a primeira composição em 64 (*Tema 3-D*).

Em 67 formou parceria com Tibério Gaspar e surgiram sucessos como *Caminhada, Tema triste, Rosa branca*, e este *Sá Marina*, cujo vigor rítmico e proximidade com motivos folclóricos lhe garantiram um dos primeiros lugares na preferência do público em 68.

VIOLÃO VADIO (Baden Powell e Paulo César Pinheiro), com Baden Powell e acompanhamento dos Cantores da Lapinha. Do LP Elenco-Phonogram *As músicas de Baden Powell e Paulo César Pinheiro*, n.º ME 63, lançado em novembro de 1970.

Direitos autorais de Edições Musicais Pérgola Ltda.

Registro no CNDA (Conselho Nacional de Direitos Autorais) sob n.º 60479370.

O ano de 1965 assinala um marco na vida do artista Baden Powell: nova parceria — Paulo César Pinheiro — e nova safra, da maior qualidade.

Disso resultaram alguns dos trabalhos mais expressivos da carreira de Baden, com destaque para *Violão vadio*, toada-balada em estilo jazzístico.

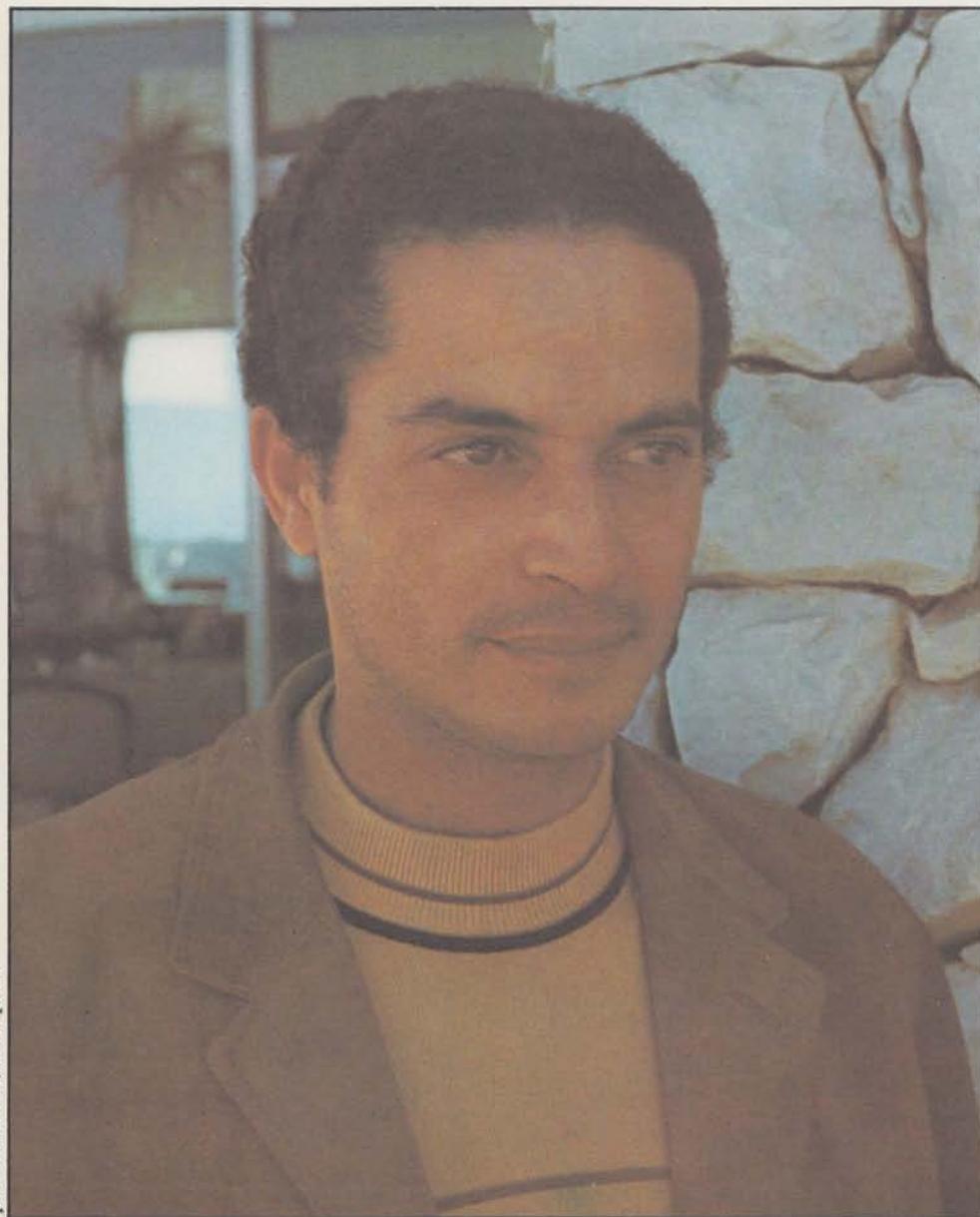
Levada pelo disc-jockey Felix Grant, de Washington, a bossa nova ultrapassou as fronteiras do Brasil, e tomou conta do mercado fonográfico norte-americano. Em 1962, realizava-se em Nova York o concerto de bossa nova do Carnegie Hall, do qual participaram inúmeros brasileiros. Apesar do sucesso discutível (e discutido), foi essa a via mais eficaz de exportação de valores da música popular brasileira. Alguns compositores e intérpretes voltaram ricos e mais seguros, outros voltaram consumidos, outros não voltaram.

Além dos EUA, à Europa foi o melhor do violão brasileiro, cujo som pontilhado pelas raízes africanas perpassou toda a bossa nova: Baden Powell.



Baden Powell

Da Bahia à França com naturalidade



paulo salomão/abril press



abril press



abril press



oriando câmara/abril press

O grande talento de Baden Powell sempre foi suficiente para abrigar quantos parceiros aparecessem. Com Geraldo Vandré, pesquisador de temas nordestinos, fez *Rosa flor* e *Se a tristeza chegar*; com Paulo César Pinheiro (na extrema direita), um dos mais versáteis letristas e parceiro de quase toda uma geração da música popular brasileira, Baden fez *Lapinha*, *Violão vadio*, *Samba do perdão*. Mas a grande parceria surgiu em 1962, com Vinicius de Moraes (no alto, entre Elis Regina e Baden): além de notável contribuição durante a bossa nova, a dupla é responsável pelos afro-sambas (*Canto de Ossanha*, *Berimbau*).

Baden Powell de Aquino nasceu em Varre-e-sai, RJ, a 6 de agosto de 1937. Logo após, a família mudou-se para o bairro de São Cristóvão, no Rio de Janeiro. Baden tem este nome porque seu pai, o violonista Lino de Aquino, quis homenagear o general inglês Robert Baden Powell (1857-1941), fundador do escotismo.

O menino logo tomou gosto pela música e, já aos oito anos, começou a estudar violão clássico com Meira (Jaime Florence), violonista do Regional de Canhoto. Entre as principais influências que recebeu, além da de Meira, estão a de Dilermando Reis e a de Garoto. Aos treze anos, já premiado como solista no programa de Renato Murce na Rádio Nacional, Baden começou a tocar em bailes e festinhas. Ganhando algum dinheiro.

Durante o ginásio, no Instituto Cyleno, em São Januário, costumava dar umas escapadas até a Mangueira, onde tocava seu violão acompanhado pelo batuque da molecada do morro. Terminado o ginásio, começou a trabalhar na Rádio Nacional e a excursionar pelo interior. Era o início de uma série de viagens que se estenderiam pelo mundo afora.

Em 1955, Baden passou a trabalhar com o jazzista Ed Lincoln no bar Plaza, de Copacabana. Ali costumava se reunir um grupo de jovens que constituiria um dos núcleos da bossa nova. Entre eles, Antônio Carlos Jobim.

O primeiro sucesso de Baden Powell — *Samba triste*, com letra de Billy Blanco — data do ano seguinte e, quando a bossa nova chegou ao auge, essa compo-

sição estourava em discos e festivais. Na mesma época, Baden compôs sozinho *Deve ser amor*, *Encontro com a saudade* e *Não é bem assim*.

Em 1962, acompanhava Silvinha Telles num show da boate Jirau e, certa madrugada, ela apresentou-lhe três grandes nomes da bossa nova: João Gilberto, Tom Jobim e Vinicius de Moraes. Dali nasceu a parceria Baden-Vinicius, responsável por mais de cinquenta músicas. Dias após o primeiro encontro, surgia *Canção de ninar meu bem*. Baden mudou-se para a casa de Vinicius e produziram uma safra inicial regada a uísque e de extrema qualidade: *Samba em prelúdio*, *Labareda*, *Astronauta*, *Só por amor* e *Bom dia, amigos*, entre outras.

Ainda em 1962, Baden foi a Paris, com



o violão e pouco mais de 430 dólares. No famoso Teatro Olympia tocou Ravel — para um público ansioso de batuques exóticos. Após a surpresa (“No Brasil se conhece Ravel?! Bach?!”), ele partiu para o divertimento, desencadeando seu samba cheio de balanço: *Consolação, Amei tanto, Deixa*. Sob aplausos, ele se entusiasmava, rendia cada vez mais. Voltou ao palco sete vezes. Virou comentário obrigatório. Assim, ficou por dois anos na França, estabelecido na boate Bilboquet. Mas a saudade apertou e ele descobriu que não conseguia compor longe de sua terra. Isso ficou claro quando fez a trilha sonora do filme francês *Le grabuge*: precisava estar indo e vindo.

Em 1964, de volta ao Brasil, passou seis meses na Bahia, conhecendo os rituais dos terreiros e escutando o som dos berimbaus. E ouviu de Canjiquinha, mestre capoeirista, a história de Besouro de Ouro: famoso capoeirista da Bahia, no começo do século, defendia os negros e os fracos perseguidos pelos capitães-domato. Foi traído e morto. Segundo a lenda, seu espírito passou a vagar e a interferir no comportamento dos capoeiristas. Para apaziguá-lo, era preciso cantar a música do Besouro: “Quando eu morrê/ Me enterre na Lapinha,/ Calça, culote, paletó almofadinha”.

Com todos aqueles sons ecoando em sua cabeça, Baden voltou para o Rio e, junto a Vinicius e novas doses de uísque, compôs: *Canto do Caboclo Pedra Preta, Lamento de Exu, Canto de Iemanjá, Canto de Ossanha, Tristeza e solidão, Canto de Xangô*. Todas impregnadas do negro mistério da Bahia. Da África. Eram os afro-sambas, que foram depois gravados pela Forma, acrescentando-se *Berimbau e Samba da bênção*.

Nas cordas de seu violão, Baden expressa o exotismo sedutor dos ritos primitivos, canta a alegria do ritmo tropical, tange o equilíbrio de melodias lineares e cria estilizações sobre material folclórico. Ele pode alçar vãos jazzísticos, sugerir efeitos de citaras, de balalaicas, da voz humana. Finalmente, a partir do som de sua terra, consegue criar figuras rítmicas inexistentes em qualquer outra música popular. Tudo dentro da mais perfeita técnica instrumental. Por isso — e com justiça — é chamado de “Baden de todos os violões”.

Em 1965, conheceu Paulo César Pinheiro. Embora ainda com dezesseis anos, Paulo César já tinha um sucesso, *Viagem*, feita em parceria de João de Aquino. Mas Baden se entusiasmou foi com *Canto livre da terra*, outra música de Paulo César com João de Aquino. Daí para outra parceria foi um passo. Novo isolamento e nova safra da maior qualidade. Baden e Paulo César trabalharam furiosamente e disso resultou: *Cancioneiro*, *Samba do perdão*, *Meu réquiem*, *É de lei*, *Refém da solidão*, *Violão vadio*, *Aviso aos navegantes*, *Carta de poeta* e *Sagarana* (esta última com letra em "estilo Guimarães Rosa").

Em 1968, Baden lhe mostrou o refrão que aprendera com o mestre capoeirista Canjiquinha. Resultado: *Lapinha*, a vencedora da I Bienal do Samba em São Paulo (1968).

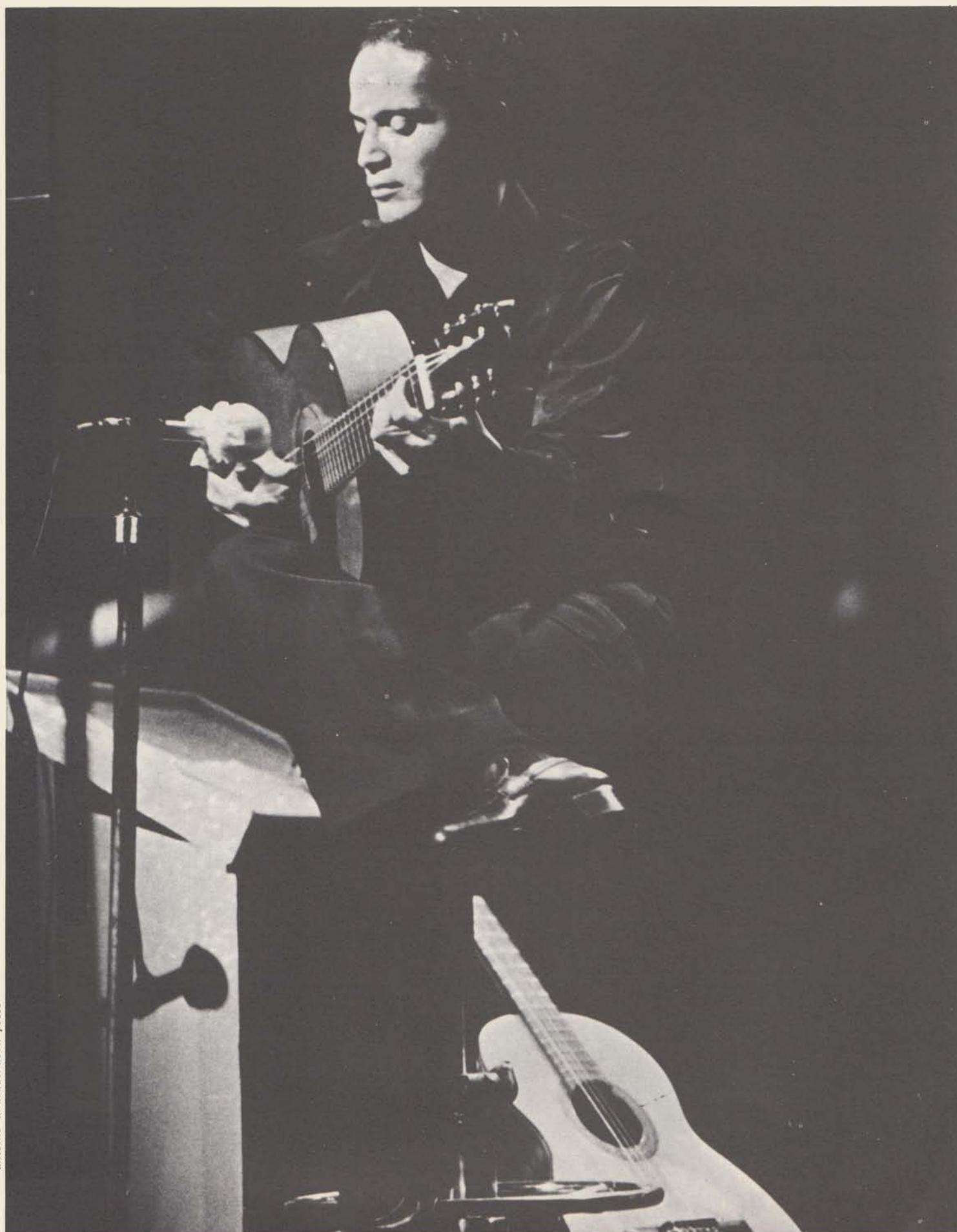
Baden continuou sua vida seminômade, gravando aqui e na Europa. Em 67, recebeu o Disco de Ouro oferecido pela crítica parisiense por seu LP do ano anterior *Mundo musical de Baden Powell*. Em resposta fez o *Mundo n.º 2*, acompanhado pela Orquestra Sinfônica de Paris. E no Brasil ainda se podia ouvir Baden à vontade: *Violão na madrugada* e *Tempo feliz*, dentre os vários LPs gravados por ele. Nesse mesmo ano participou do Festival de Jazz em Berlim.

1968: Baden resolveu dar uma parada e se recuperar de tanto trabalho e de tanta agitação pela noite adentro. De tanto uísque. E recolheu-se à Clínica São Vicente, no Rio. No quarto ao lado o velho parceiro Vinicius de Moraes, também em recesso.

Em 1969, concorreu ao IV FIC (Festival Internacional da Canção), da TV Globo, com *Sermão* (letra de Paulo César Pinheiro), e em 71 gravou o LP *É de lei*, pela Philips, onde incluiu *Violão vadio* (também em parceria com Paulo César Pinheiro). Desde então, radicou-se na França, recordista entre os músicos exportados pela bossa nova, com mais de trinta discos gravados só na Alemanha e com contrato assinado em vários países, da França ao Japão.

Baden cresceu ouvindo os chorões, depois descobriu na Bahia a malícia da música de capoeira. Talento e simplicidade já eram inatos: do mesmo jeito que se reunia para tocar num botequim, ele dá um recital na sala da Filarmônica de Berlim ou dialoga com a cantora lírica Maria D'Aperecida nas seletas e elegantes salas de Paris.

antônio andrade/abril press



NOVA HISTÓRIA DA
 MÚSICA
POPULAR
BRASILEIRA

